

CIÊNCIA ABERTA
COLABORAÇÃO, COMPARTILHAMENTO, TRANSPARÊNCIA E
INCLUSÃO

Bruna Andrade Irineu¹
Lino Gabriel Nascimento dos Santos²
Cello Latini Pfeil³
Alexandre Bortolini⁴

O percurso comum dos trabalhos científicos tem início em uma escolha temática seguida pela leitura e escolha de artigos, livros e demais textos especializados que formarão o referencial teórico. Esses textos são escolhidos, em geral, com base nos principais teóricos que podem ter dialogado com o tema, assim os mesmos cânones se reafirmam. Além disso, uma “maneira” de escrever também seculariza o texto que é ou não é “acadêmico” em um gênero linguístico que tem, portanto, uma forma e uma linguagem que foi determinada como adequada. Como resistência a linguagem canônica eurocentrada, Lélia Gonzalez (1988) defendeu o uso do “pretoquês” e da amefricanidade ladina. Ela afirmou que não apenas pessoas pretas, mas todas aquelas que são brasileiras, são marcadas pela racialidade dos ladinos - não somos europeus ou “americanos” como os norte americanos - somos descendentes de África e por tal marca, esse lugar incide na

¹ Integrante do Editoria Chefe da REBEH. Pesquisadora Produtividade do CNPq. Doutora em Serviço Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Assistente Social pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), onde leciona atualmente no Depto. de Serviço Social, no PPG de Política Social e no PPG de Saúde Coletiva. *Visiting Research Scholar no College Staten Island da CUNY (Fulbright Junior Faculty Member Award).*

² Editor Júnior da REBEH. Transviado sapatômico e preto, Mestre e doutorando em Antropologia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Docente do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC). Idealizador da Rede de Estudos Decoloniais em Moda (REDeM), do Laboratório Interdisciplinar de ensino, pesquisa e extensão em sexualidades (AFRODITE - UFSC) e do Encontro BAFO.

³ Editor Júnior da REBEH. Professor Substituto do Dept. de Ciência Política da UFRJ. Doutorando e Mestre em Filosofia (PPGF/UFRJ). Especialista em Teoria Psicanalítica (CEPCOP/USU). Coordenador da Revista Estudos Transviados. Coordenador do Núcleo de Pesquisas do Instituto Brasileiro de Transmasculinidades (IBRAT).

⁴ Integrante do Editoria Chefe da REBEH. Doutor em Educação pela USP (Bolsista CAPES). *Visiting Research Scholar no PhD Program in Sociology da CUNY (Fulbright Alumni).* Mestre em Educação pela PUC-Rio. Pedagogo e Comunicador Social. Professor Substituto do Núcleo de Estudos em Políticas Públicas em Direitos Humanos da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

escrita e nos falares brasileiros, que destoam do escrever científico sem levar em conta seu conteúdo.

Em síntese, há diversas maneiras de aprender, produzir e reproduzir conhecimento – de fazer ciência. A ciência precisa ser pensada como um campo de poder, e, portanto, como um texto contestável. Essa afirmação é feita por Donna Haraway (1995) e nos auxilia a entender que há lógicas hierárquicas que produzem aqueles que têm o poder de escrita e autoria, sendo legitimados para e como tal; e aqueles que não possuem essa legitimidade, por distintos motivos que envolvem entrecruzamentos de múltiplos marcadores sociais da diferença.

Nesta seara, há inúmeras produções teóricas sobre racismo científico ou sobre o sexismo na ciência, por exemplo. Ramón Grosfoguel (2016) definiu racismo/sexismo epistêmico como a suposição de “inferioridade de todos os conhecimentos vindos dos seres humanos classificados como não ocidentais, não masculinos ou não heterossexuais, e podemos adicionar “não cisgêneros” a essa listagem. Para ele, os conhecimentos predominantes em nossas escolas e universidades derivam de cinco países - França, Alemanha, Inglaterra, Estados Unidos e Itália -, retirando da equação todos os saberes produzidos “de fora” - e não somente de fora desses países, como também produzidos fora das universidades desses países.

Um outro exemplo está na história da patologização da transexualidade, que ilustra pontos de interseção entre racismo/sexismo epistêmico e a institucionalização do saber científico. Desde que se consolidou a categorização diagnóstica da transexualidade, a partir da segunda metade do século XX e sob direção de médicos brancos, cis e heterossexuais, inúmeras instâncias jurídicas, acadêmicas e políticas adotaram, em seus métodos de operação, abordagens violentas e cientificamente legitimadas contra corporalidades trans.

Contudo, é necessário destacar que há um investimento histórico de algumas áreas científicas, especialmente após a Segunda Guerra Mundial, em repensar suas práticas e produzir conhecimento a partir de parâmetros éticos pactuados globalmente a partir de fóruns internacionais. Como maneira de ilustrar isso, podemos apontar que diversos

códigos deontológicos e regulamentações têm delineado os princípios éticos e a integridade que devem ser observados na condução da pesquisa científica. Entre estes, destaca-se o Código de Nuremberg (1947), a Declaração de Helsinque (1964), o Relatório de Belmont (1978), a Declaração de Singapura sobre Integridade em Pesquisa (2010), a Declaração de Montreal sobre Integridade em Pesquisa (2013), bem como normativas brasileiras como a Resolução CNS nº 466/2012 (ética em pesquisa com seres humanos) e a Resolução CNS nº 510/2016 (regulamentação ética em pesquisa em ciências humanas e sociais).

Embora estas diretrizes ofereçam subsídios para discussão da ética em pesquisas biomédicas, observa-se uma lacuna significativa quando se trata de dilemas éticos em campos como humanidades e ciências sociais aplicadas. A Resolução CNS nº 510/2016 emerge como um marco recente buscando tratar especificamente as particularidades éticas nessas áreas. A atenção desproporcional às ciências biomédicas em detrimento de outros campos do conhecimento levanta a necessidade premente de considerar dilemas éticos em um espectro mais amplo de disciplinas.

Além da crítica a hegemonia biomédica tem discutido em muitos fóruns, a importância de construir políticas que reduzam as assimetrias político-econômicas e socioculturais na ciência, a partir de um modelo aberto de ciência, que propõe inclusive ampliar o debate da integridade em pesquisa. A 41ª sessão da Conferência Geral da UNESCO, realizada em Paris de 9 a 24 de novembro de 2021, abordou a Ciência Aberta por meio de quatro blocos, conforme expresso na Recomendação da UNESCO de 2021. Esses blocos são: 1) Conhecimento Científico Aberto: que inclui acesso aberto a publicações, abertura aos dados científicos, disponibilidade aberta de material didático, acesso a códigos abertos e utilização de hardwares abertos; 2) Infraestruturas de Ciência Aberta: que envolve desenvolvimento e suporte de infraestruturas para promover a Ciência Aberta; 3) Envolvimento Aberto de Atores Sociais: que se trata da participação inclusiva de diversos atores sociais no processo científico aberto; 4) Diálogo Aberto com Outros Sistemas de Conhecimento: que pressupõe estabelecimento de diálogo transparente e colaborativo com sistemas de conhecimento diversos.

Um dos desafios da REBEH para o próximo quadriênio é tornar-se mais alinhada com as recomendações da UNESCO. Em nosso quadro atual, ainda trabalhamos com parecer “duplo-cego” e não aderimos a publicação em *Preprint*, por exemplo. Como um periódico vinculado a uma associação com poucos recursos financeiros e hospedada no *Open Journal System* de uma instituição periférica e com uma política de editoria não consolidada, estamos buscando qualificar cada vez mais a revista, mas ao mesmo tempo enfrentando os desafios materiais que vão desde a garantia de DOI aos recursos para revisão, tradução e diagramação.

Lançada em 2018, a REBEH está em sua vigésima primeira edição, tendo publicado até hoje 428 textos. O debate da ética na ciência e da integridade em pesquisa vem ocupando a agenda de muitos campos de conhecimento. Ao realizarmos um levantamento das produções publicadas na revista, que tratam sobre ética em pesquisa, integridade e ciência aberta, exposto no Quadro 1, podemos observar que essa discussão se apresenta de maneira ínfima em nossos textos.

Quadro 1 – Textos publicados na REBEH abordando a discussão sobre ciência aberta e integridade em pesquisa entre os anos de 2018 e 2023

Menções	Quantidade de Artigos Publicados
Ciência aberta	0
Integridade na Pesquisa	0
Crítica à ciência do Norte Global	117
Comitê de Ética em Pesquisa	1
Resolução MS/CNS 466/2012	2

Fonte: Pesquisa Direta, 2023.

Quando recuperamos as 21 edições disponíveis em nosso website, nota-se que indiferentemente da ausência do debate sobre integridade em pesquisa, muitos artigos têm investido na crítica a produção de conhecimento eurocentrada e a colonialidade do saber o que ocupa a atenção de diversos artigos, resenhas, tessituras artísticas e ensaios. Ao pensarmos em conduta ética, integridade de pesquisa e ciência aberta, nossa produção comunicada na REBEH, tem centrado foco na autodeterminação, pois, ao decorrer da história da ciência moderna, certos corpos se outorgaram a capacidade de determinação, ao passo que outros não puderam cogitá-la.

Contudo, sendo a REBEH uma revista que expressa - ao menos parcialmente - o campo de estudos da diversidade sexual e de gênero, cabe-nos questionar: como nosso campo está preparando para adesão às políticas de ciência aberta? Temos conhecimento desse debate e entendimento de seus impactos nas pesquisas em gênero, sexualidade e interseccionalidades?

As recomendações da UNESCO reforçam o compromisso com a promoção de práticas científicas mais inclusivas e acessíveis em escala global. Os blocos, que mencionamos anteriormente, representam uma abordagem holística para promover a Ciência Aberta, englobando desde a acessibilidade do conhecimento científico até a interação aberta com diferentes partes interessadas e sistemas de conhecimento⁵.

⁵ As publicações científicas podem ser divulgadas por editores em plataformas de publicação online de acesso aberto e/ou depositadas e tornadas imediatamente acessíveis em repositórios online abertos no momento da publicação. **Dados de pesquisa abertos:** que incluem, entre outros, dados digitais e analógicos, tanto brutos como processados, e os metadados que os acompanham, assim como pontuações numéricas, registros textuais, imagens e sons, protocolos, códigos de análise e fluxos de trabalho que podem ser usados, reutilizados, retidos e redistribuídos abertamente por qualquer pessoa, sujeitos a reconhecimento. **Recursos educacionais abertos (REA):** incluem materiais de ensino, aprendizagem e pesquisa em qualquer meio - digital ou não - que sejam de domínio público ou tenham sido lançados sob uma licença aberta que permita o acesso, o uso, a adaptação e a redistribuição, sem custos para outros e sem restrições ou com restrições limitadas. **Softwares e códigos-fonte abertos:** em geral, incluem softwares cujo código-fonte é disponibilizado publicamente, de forma oportuna e de fácil utilização, em formato modificável e legível por humanos e máquinas, sob uma licença aberta que concede a outros o direito de usar, acessar, modificar, expandir, estudar, criar trabalhos derivados e compartilhar o software e seu código-fonte, desenho ou projeto. **Hardware aberto:** geralmente inclui as especificações de projeto de um objeto físico, que são licenciadas de modo que esse objeto possa ser estudado, modificado, criado e distribuído por qualquer pessoa, fornecendo ao maior número possível de pessoas a capacidade de construir, recombinar e compartilhar seus conhecimentos de projeto e função de hardware. **Infraestruturas de ciência aberta:** referem-se às infraestruturas de pesquisa compartilhadas (virtuais ou físicas, incluindo os principais equipamentos ou conjuntos de instrumentos científicos e recursos baseados no conhecimento que são necessárias para apoiar a ciência aberta e atender às necessidades de diferentes comunidades. **Envolvimento aberto dos atores sociais:** se refere à maior colaboração entre cientistas e atores sociais que não fazem parte da comunidade científica, abrindo práticas e ferramentas utilizadas no ciclo de pesquisa e tornando o processo científico mais inclusivo e acessível à sociedade mais ampla e interessada em conhecimento, com base em novas formas de colaboração e trabalho, como o crowdfunding, o crowdsourcing e o voluntariado científico. **Diálogo aberto com outros sistemas de conhecimento:** se refere ao diálogo entre diferentes titulares do conhecimento, que reconhece a riqueza de diversos sistemas e epistemologias de conhecimento. Visa a promover a inclusão do conhecimento de acadêmicos tradicionalmente marginalizados e melhorar as interações e complementaridades entre as diversas epistemologias. (UNESCO, 2021, p. 9-12, grifos nossos).

Contudo, importa inferir que para evitar infrações éticas e promover ciência aberta, é crucial que as instituições promovam um ambiente adequado para tal prática científica.

No documento da UNESCO, ela chama para si mesma, a responsabilidade de coordenar o desenvolvimento e a adoção de um conjunto de metas da ciência aberta, que irão orientar e incentivar a cooperação internacional para o avanço da ciência aberta em benefício da humanidade e da sustentabilidade planetária. Tal responsabilidade será conduzida em consulta com os Estados-membros e as partes interessadas pertinentes. (UNESCO, 2021).

Se a ciência está se abrindo para maior compartilhamento, transparência e integridade, isso também vem se expressando numa recente abertura a pessoas com “outras ontologias”, todavia é necessário que o meio acadêmico se abra para “intra-ação”, nos termos de Karen Barad (apud JENSEN, 2016), que envolve a presunção de uma relação mais dialógica mútua entre academia e sociedade, entre a própria comunidade científica tão marcada por hierarquias.

Não nos resta dúvida do quão é necessário contaminar a academia com outros saberes, produzidos nas frestas normativas desafiando os regimes de verdade. O *pretoguês* de Lélia Gonzalez, a folha de coca e as práticas e discursos descolonizadores de *Cusicanqui*, as práticas de *acuir lombamento*, *bichamento* e *atraveçamento* que vem ocupando ultimamente a academia brasileira, disseminando e retraduzindo toda essa produção dissidente, de maneira acessível ao público não acadêmico. A ABETH e a REBEH, tem levado esses princípios como horizonte para sua atuação.

Cada número desse periódico, reúne esforços intelectuais voluntários resultantes de um profundo engajamento político-acadêmico com um meio universitário mais democrático e plural. Estamos na luta e reconhecer quem está ao nosso lado é fundamental. Então, nessa edição, como em todas da REBEH, tivemos a contribuição imprescindível de pareceristas, que compuseram o Comitê de Avaliação⁶, a quem estendemos nossos profundos agradecimentos.

⁶ Gustavo Tanus, Bruno Pfeil, Daniel Boianovsky Kveller, Rodger R. A. de Sousa, Victor Hugo Brandão Meireles, Rodrigo Pedro Casteleira, Thayse Madella, Dariane Lima Arantes, Elizete da Rocha Vieira de Barros, Filipe Antonio Ferreira da Silva, Jeam Gomes, Franklin Kaic Dutra-Pereira, Marina França, Heloisa

Neste número, a capa traz uma montagem que faz referência à cultura pop, produzida por Alexandre Bortolini. A diagramação, tanto da capa quanto do corpo da revista, ficou por conta de Carlos André Santos Estumano, fazendo uso de nosso Template produzido por Luciana Marshall. A edição apresenta o **Dossiê Temático “Gêneros, Sexualidades e Cultura Pop”**, organizado pelas pesquisadoras/es Larissa Pelúcio, Adriana Amaral e Thiago Soares, que reúne vinte (20) artigos de pesquisadoras/es distintas áreas de conhecimento e regiões do país, que serão apresentados no texto *“Assim caminha a pesquisa em cultura pop, sexualidades e gênero”*: pensar, reivindicar e imaginar existências.

Há três artigos compondo a seção de **Tema Livre**. O artigo intitulado *“Hospitalidade e hostilidade para com membros da comunidade LGBTQIAP+ em organizações”*, de autoria de Rafael Ferro, Mirian Rejowski e Thiago Martins dos Santos Cesar Barbosa Constantino, aborda as relações com membros LGBTQIAP+ no âmbito das organizações onde buscou identificar e analisar, a partir da literatura, as diferentes manifestações de hospitalidade e hostilidade vivenciadas por membros dessa comunidade em ambientes corporativos. Para tanto, selecionamos um *corpus* de 22 artigos, a partir da base de dados Spell. Os dados foram tratados segundo a análise de conteúdo, através do software MaxQDA, com base em categorias sobre a forma e o conteúdo desses artigos. Os resultados demonstraram uma ascendência da produção científica sobre a problemática da comunidade LGBTQIAP+ nas organizações sob a perspectiva da Hospitalidade e apontaram os principais pesquisadores e periódicos científicos.

No texto *“Eu não consigo respirar” paralelos entre o caso George Floyd e o episódio “Pontos Cegos” da série Supergirl*, Lucas da Silva Nunes, Flavi Ferreira Lisbôa Filho e Luciomar Pizolotto de Carvalho apresentam análise calcada teórica e

Afonso Ariano, André Magri Ribeiro de Melo, Murilo dos Santos Moscheta, Nadja Vladi, Cintia San Martin, Andrey Chagas, Pedro Bezerra, Lucas Goulart, Juliana Gutmann, Claudio Zanini, Augusta de Oliveira; Elba Amorim, Sollyá Borges, Natalia Engler Prudencio, Valquiria Michela John, Jean Gomes, Wesley da Rocha, Letícia de Oliveira, Fernanda de Carvalho Mello, Hernani Guimarães, Mauricio Joao Vieira Filho, Mestre Robson, Ettore Stefani, Paula Alves de Almeida, Pamela Baena, Claudia Pereira, Marcia Veiga.

metodologicamente nos Estudos Culturais, se utilizando da análise textual de Caseti e Chio (1999) como técnica. Tendo como objeto de estudo um episódio específico da sexta temporada da série *Supergirl*, intitulado “Blind Spot (Ponto Cego em tradução literal, buscou-se identificar o modo como a narrativa do episódio incorpora as pautas raciais em seu enredo, observando como ele tensiona as questões envolvendo o assassinato de George Floyd nos EUA em 25 de maio de 2020.

Eden Queiroz de Oliveira e Marck de Souza Torres discutem diferentes perspectivas de psicólogos de orientação psicanalítica quanto às questões das transidentidades não binárias, a fim explorar os desafios da clínica psicanalítica contemporânea junto a essa população, no artigo “*A Clínica Psicanalítica Frente às Transidentidades Não Binárias*”. A partir de entrevistas individuais semiestruturadas com 7 profissionais, os autores utilizam o Método de Interpretação dos Sentidos para interpretar contextos, razões e lógicas de falas e ações e interrelações entre grupos e instituições. Os resultados indicaram acentuadas contratransferências de cunho cissexista, sendo possível verificar o distanciamento dos analistas em relação a essas demandas, recorrendo a uma suposta neutralidade ética.

O número termina com a seção Traduções, que traz o texto “*Intimidades mediadas: sexo no pelo, truvada e a biopolítica de quimioprofilaxia*”, de Tim Dean, traduzido por Danilo Oliveira e revisão de Lívia Cabral. O artigo oferece uma visão retrospectiva do livro *Unlimited Intimacy*, avaliando o status da mediação farmacêutica no surgimento e desenvolvimento do *bareback* como prática sexual. Ele examina a recomendação de saúde pública dos EUA de 2014 de que pessoas soronegativas devem começar a tomar Truvada, um medicamento anti-HIV, para profilaxia pré-exposição (PrEP). Situando a pragmática da PrEP em uma discussão sobre a medicalização da sexualidade gay, argumenta que Truvada tem efeitos colaterais biopolíticos que merecem uma atenção crítica. Com base no teórico *queer* Paul B. Preciado, o artigo elabora um conceito de 'farmaco-poder' para contextualizar o desenvolvimento da quimioprofilaxia na história da sexualidade.

Convidamos à leitura desse número e esperamos aprofundar o debate sobre ciência aberta em fóruns e eventos futuros aos quais a REBEH integra. Boa leitura!

Referências

AMARAL, A.; PELUCIO, L.; SOARES, T. “Assim caminha a pesquisa em cultura pop, sexualidades e gênero”: Pensar, reivindicar e imaginar existências. *Revista Brasileira de Estudos da Homocultura*, [S. l.], v. 6, n. 21, p. 7–16, 2023. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rebeh/article/view/16682>. Acesso em: 5 jan. 2024.

DA SILVA NUNES, L.; FERREIRA LISBÔA FILHO, F.; PIZOLOTTO DE CARVALHO, L. “Eu não consigo respirar”: paralelos entre o caso George Floyd e o episódio “Pontos Cegos” da série Supergirl. *Revista Brasileira de Estudos da Homocultura*, [S. l.], v. 6, n. 21, p. 555–579, 2023. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rebeh/article/view/15550>. Acesso em: 5 jan. 2024.

DE OLIVEIRA, E. Q.; TORRES, M. de S. A Clínica Psicanalítica Frente às Transidentidades Não Binárias. *Revista Brasileira de Estudos da Homocultura*, [S. l.], v. 6, n. 21, p. 580–603, 2023. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rebeh/article/view/15763>. Acesso em: 5 jan. 2024.

DEAN, T.; ARAUJO DE OLIVEIRA, D.; TORRES CABRAL, L. Intimidades mediadas: sexo no pelo, truvada e a biopolítica de quimioprofilaxia. *Revista Brasileira de Estudos da Homocultura*, [S. l.], v. 6, n. 21, p. 604–638, 2023. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rebeh/article/view/16278>. Acesso em: 5 jan. 2024.

FERRO, R.; REJOWSKI, M.; SANTOS, T. M. dos; CONSTANTINO, C. B. Hospitalidade e hostilidade para com membros da comunidade LGBTQIAP+ em organizações. *Revista Brasileira de Estudos da Homocultura*, [S. l.], v. 6, n. 21, p. 525–554, 2023. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rebeh/article/view/14979>. Acesso em: 5 jan. 2024.

GROSGOUEL, R. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. *Revista Sociedade e Estado*, v. 31, n.1, 2016.

GONZALEZ, Lélia. "Por um feminismo afrolatinoamericano". *Revista Isis Internacional*, Santiago, v. 9, p. 133-141, 1988.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, 5. Campinas, Ed. 1995

JENSEN, Casper Bruun. 'New Ontologies? Reflections on Some Recent 'Turns' in STS, Anthropology and Philosophy.' *Social Anthropology* 25(4). 2017.

UNESCO. Towards a Global Consensus on Open Science: reports on UNESCO’s regional consultations on open science. [S.l.: s.n.], 2020. Disponível: <https://en.unesco.org/science-sustainable-future/open-science/consultation> Acesso em: 19 dez. 2023.» <https://en.unesco.org/science-sustainable-future/open-science/consultation>